

bulunga

fevereiro de 2024 - número 26



SÍLVIO SANTOS

VEM AÍ

EDITORIAL

O Carnaval passou. Havia começado três semanas antes do tempo, e acabou uma semana depois. Um mês de festa, em um país onde fracassa a economia e a democracia, mas o povo só quer saber de dançar e acasalar.

As ruas abarrotadas de gente com pouquíssima roupa, e mesmo assim fica difícil distinguir os gêneros, mas ninguém nem liga para isso, e dessa forma todos se embolam, sem preconceitos, pois prevalece o lema de que “ninguém e de ninguém”.

Uma famosa emissora de rádio, que já foi o símbolo da “resistência”, até passou a divulgar a seguinte chamada: “No carnaval você pode ser tudo, menos homofóbico”. Se formos refletir, o cara pode ser ladrão, assassino, estuprador, pedófilo, mas não pode mexer com os trans, que se tornaram figuras figuras quase sagradas neste país sem fé. E no carnaval, a ordem é liberar geral.

Apenas aproveitando o prefixo da palavra, e sem a menor conotação homofóbica, podemos dizer que os brasileiros estão se TRANSformando em seres mutantes, avessos aos conceitos judaico-cristãos, chegando a ponto de seu representante máximo fazer declarações expressas de antissemitismo, sem que ninguém faça absolutamente nada. Apenas algumas murmurações e pronto. O próprio representante de Israel se resumiu a fazer beicinho e declarar que “está de mal”, e bola pra frente.

O mundo está mudado, e não há dúvidas de que estamos caminhando rumo ao fim. E será, possivelmente, como Sodoma e Gomorra: quando as bolas de fogo começarem a cair do céu, o povo continuará se embriagando, dançando e cantando: “apesar de você, amanhã há de ser outro dia...”

CASAMENTOS

Conheço um homem que está no seu quinto casamento. Perguntei a ele se dessa vez acertou, e me respondeu, meio desanimado: as mulheres são todas iguais. A resposta seria a mesma, se acaso perguntasse para uma mulher, pois só há um tipo de homem no mundo: os que apreciam um belo carro. Gostam mais de carros do que de mulheres. E homem que não gosta de carro não é homem.

Um ator de tv bastante conhecido, depois de trocar de mulheres quatro vezes, resolveu se casar com outro homem. “Antes tarde do que nunca”, disse ele. Mas nada garante que o tal ator tenha mais sucesso do que o conhecido desanimado, pois o problema não está no modelo convencional de casamento, como muitos tentam comercializar a ideia, mas na intolerância que tomou conta de homens e mulheres, que desistem da relação diante dos menores problemas, e isso não isenta as relações homoafetivas.

Nos tempos dos nossos avós ou bisavós os casamentos duravam para sempre, e que as juras do “até que a morte os separe” funcionavam, pois, se não coisa desse certo, um matava o outro.

Manter um relacionamento monogâmico e duradouro não é assunto para amadores. A dupla tem que ser tolerante, resiliente, persistente e muitas vezes inconsequente, no sentido aventureiro da coisa, de não pensar no futuro e, principalmente, esquecer o passado, praticando o verdadeiro exercício do perdão.

Porém, as relações se tornam cada vez mais descartáveis, e já tem gente fazendo contrato de casamento com prazo determinado de duração, renovável por igual período, caso não haja manifestação contrária das partes.

Fica difícil acompanhar essa evolução. Recentemente, os jornais noticiaram que já tem maluco se casando consigo mesmo, e essa talvez seja a mais perigosa das relações, caso se verifique o problema de dupla personalidade.

Enfim, casamento não é para amadores, e se você pretende se arriscar no ramo, ou se já entrou na aventura e não consegue sair, preciso consolá-lo: se apenas o falecimento de um dos cônjuges há de separá-los, existe a chance de você ser o primeiro.

SILVIO SANTOS VEM Ai!



Lá lá, lá lá, lá lá...



A Revista Bulunga sempre procurou fazer, ao longo de suas 25 edições, uma rápida biografia de alguma personalidade ligada ao humor, mas essa regra teria sido quebrada em duas oportunidades, quando falamos sobre Charles

Bukowski, com suas reflexões ácidas que muitos ainda hoje não compreendem, e Nelson Rodrigues, com suas tiradas desconcertantes, dois gênios da literatura que poucos conseguem achar engraçados. Mas nada mais justo do que falar, desta feita, de um talentosíssimo apresentador de televisão, o maior do Brasil, que durante décadas DIVERTIU as famílias brasileiras com o seu dom hipnótico, habilitado a vender lotes na lua, se quisesse, tamanha a sua capacidade de persuasão: Silvio Santos.





Nascido Señor Abravanel, em 12 de dezembro de 1930, descendente dos judeus sefarditas, Alberto Abravanel e Rebeca Caro, dizem que começou a carreira como camelô, vendendo capas de carteiras de identidade, pelas ruas de São Paulo.

Independentemente de ser verdade ou não, pois muitos duvidam, o fato é que ele nasceu com um talento sobrenatural para os negócios, além de ser um comunicador nato, e aproveitou a grande oportunidade de sua vida quando Manoel de Nóbrega, pai de Carlos Alberto de Nóbrega, de “A Praça é Nossa” (exibido pelo SBT), passou para ele o “Baú da Felicidade”, que até então era deficitário (depois de ter tomado um calote do sócio alemão) e consistia em vender brinquedos a prazo, mas Sílvio inovou ao criar os carnês que fidelizavam os clientes a pagarem quantias modestas, e ao final poderiam ser trocados por brinquedos e produtos do lar, o que muito agradou as donas de casa da classe mais modesta. Mas Sílvio não ficou só nisso: construiu um verdadeiro império da televisão brasileira, mas começou alugando espaços em canais abertos até chegar ao SBT, a partir de 1975, quando se tornou um páreo duro para a maior concorrente, a Rede Globo.

Em diversas oportunidades, chegou a abalar as estruturas da líder, a exemplo de quando lançou a “Casa dos Artistas”, estrondoso sucesso que estreou em



2001 e antecedeu, no Brasil, o “Big Brother”, que teve os direitos adquiridos exatamente pela “Vênus Platinada”.

O programa atingiu índices até então inimagináveis, tendo conseguido confinar, em um só ambiente, personagens exóticos como Supla, Alexandre Frota, Mateus Carrieri, Barbara Paz, Mari Alexandre, Núbia Oliver, Nana Gouveia e outros. Na atração, Barbara foi a coitadinha que sensibilizou o público e venceu; Supla, que engatou com ela um romance provisório, foi o queridinho do público; e Alexandre Frota conseguiu



rios canais do YouTube, do TikTok e do Kwai.

Elas eram combinadas, utilizando-se bons atores e figurantes, mas muito bem feitas, e o público até desconfiava de mutretas, mas no final só se interessava em dar boas risadas.

Mas havia ainda o “Qual é a Música”, com o enigmático dublador Pablo e sua maquiagem exagerada, com os convidados sendo obrigados a adivinhar a música que seria tocada com uma, duas ou três notas do piano. E na maioria das vezes, acertavam.

Também não podemos deixar de falar de Gugu Liberato, criado em laboratório por Sílvio, e que muitos apostavam que seria o seu sucessor, mas ele acabou morrendo antes disso de forma trágica e patética.

Deixamos para o final a atração “Show de Calouros”, feito para dar oportunidade a novos talentos da música e do entreti-

mostrar um pouco de sua personalidade polêmica, tendo saído e retornado ao programa, o que representaria a quebra das regras de confinamento, mas não no canal de Sílvio Santos. Seria impossível falar de Sílvio Santos e não mencionar o programa “Topa Tudo por Dinheiro”, onde eram apresentadas as hilariantes “pegadinhas”, muitas delas exibidas até hoje em vá-



mento, mas o que o público mais gostava era dos candidatos esquisitos e desafinados, além do “julgamento” dos seus controversos jurados, com destaque para Elke Maravilha, Pedro de Lara, Wilza Carla, Sérgio Malandro, Sônia Lima, Décio Piccinini, Araci de Almeida, Flor, Nelson Rubens, entre diversos outros que passaram por aquela bancada.

Enfim, uma diversão relativamente inocente para as famílias brasileiras, que agora se dispersam, com as infindáveis



postos com facilidade, porque é muito carismático, talvez mais do que o finado Gugu, mas parece que algumas pessoas dentro do SBT não gostariam que isso ocorresse.

Em determinado momento de sua carreira, Silvio chegou a lançar a sua candidatura a Presidente do Brasil, mas acabou desistindo diante da pressão dos partidos, que viam nele um grande ameaça aos seus planos de corrupção, pois Sílvio era absolutamente independente e sua seriedade fora dos bastidores era conhecida por todos, e seria bem provável que imprimisse o seu sistema de trabalho no país, lançando dinheiro para o povo em aviõezinhos, acabando com a corrupção e a pobreza.

A fonte de inspiração de Sílvio Santos sempre foram programas de auditório norte americanos, dos quais comprou direitos autorais, mas isso não tira o mérito deste mestre da televisão, que, esperamos, viva muito mais do que cem anos.

opções de entretenimento nos streamings e canais da internet, cada qual com sua telinha brilhante.

Aos 92 anos, Sílvio só largou o protagonismo de seus programas recentemente, sendo, aos poucos, substituído por suas filhas, com Patrícia a que merece maior destaque, além de contar com Celso Portioli, seu fiel escudeiro há anos, que “assimilou” todo o jeito e trejeitos do chefe, e que poderia assumir o seu



VIAGEM DE POBRIS

por Michel Salomão

Mesmo com o Dólar e o Euro na estratosfera, ainda tem muita gente torrando dinheiro no exterior, e só resta aos pobris buscar alternativas nos pontos turísticos mais manjados do Brasil.

Os mineiros como eu só conhecem Guarapari, Cabo Frio e Porto Seguro, mas existem outras possibilidades (não menos manjadas) como Porto de Galinhas, destino sobre o qual vamos falar agora.

Localizado a 60 km de Recife, o local era uma vila de pescadores que virou point dos não tão ricos, bem como dos não tão pobris que podem pagar por uma passagem de avião em horário alternativo (que



dureza!) e uma pousada modesta, além de comer um PF em alguns restaurantes populares do centro, que são raros, pois lá existem muitos estabelecimentos simples e improvisados, mas que cobram uma fortuna por uns pratinhos mixurucas e ruins. Um dos únicos capaz de passar no crivo dos mais exigentes foi o Peixe na Telha, restaurante que possui uma boa estrutura, bem diferenciada dos demais, que fica na Rua das Piscinas Naturais, nº 103. Em compensação, os preços de lá não são tão “baratos”, mas vale a pena experimentar alguma coisa ou outra.

Os nossos representantes interestaduais tiveram a oportunidade de encarar dois pratos: o primeiro é feito com carne de sol laminada, acompanhada de



Praia dos Carneiros



tomates confitados, baião de dois (arroz, feijão verde e queijo coalho) e uma poção de macaxeira frita; o outro foi um peixe cozido no vapor, com uma crosta de castanhas, acompanhado de arroz com alho e legumes na manteiga. Ambos foram aprovados. Outra vantagem do local é que é muito ventilado, bem decorado, além de ter uma vista bonita para a praia, com suas piscinas naturais.

Um detalhe que não pode passar em branco é que os garçons utilizam uniformes impecáveis, com tênis brancos extremamente limpos, além dos banheiros



Praia do Muro Alto

bem cuidados, o que dá uma confiança com relação aos cuidados gerais da direção da Casa.

Se quiser uma sobremesa interessante, vá ao Brandt Doceria, que fica na Rua Beijupirá, loja 1. A loja é pequena, mas carinhosamente decorada, e lá você poderá experimentar tortas e bombos deliciosos, mas vá preferencialmente à noite para ver o efeito das luzes neon com as flores da decoração. Esqueci de falar da hospedagem. Ficamos na Pousada Atlantic, que fica na Estrada de Porto de Galinhas, a uns 3 km do centro, e a vantagem é que novinha, o quarto confortável, além do preço honesto. Mas o

ôxe

café da manhã deixa um pouco a desejar, e à noite servem refeições que também não são muito legais. Há pouca variedade e parece que as carnes são fritas com antecedência, para facilitar a vida da cozinheira, e tudo é servido muito rápido e emborrachado.

Outra possibilidade é a Pousada Vivenda dos Corais, que fica um pouco mais adiante, de onde dá para ir a pé para a Rua Esperança, em que estão os principais restaurantes e lojinhas, e sai direto na Praia das Piscinas Naturais.



Então vamos falar das praias. A praia do centro é bonita, tem as famosas piscinas naturais, mas é preciso tomar cuidado pois não sabemos se existe um tratamento de esgoto naquele local. Acreditamos que não.

A melhor praia de todas fica a uma hora de carro de Porto de Galinhas, em Tamandaré: a Praia dos Carneiros. Lá existem várias opções de restaurantes que funcionam com o sistema “day use”, ou seja, você paga uma grana preta para deixar o seu carro torrando no sol, com direito a usar o banheiro e os chuveirinhos do lugar.



Recife de Corais na Praia dos Carneiros

O melhor deles é o Bora Bora, que cobra R\$30,00 reais por pessoa (o estacionamento incluso), mas vale a pena, pois a estrutura é bonita e a comida é muito boa. Experimente o Bacalhau Praia dos Carneiros, que vem acompanhado de batatas gratinadas e legumes no vapor. O restaurante fica logo em frente às piscinas naturais, que você pode atravessar à pé, até aproximadamente o meio-dia, que é quando as marés começam a subir, tampando tudo. Se você chegar mais cedo vai poder ver de perto as centenas de peixinhos coloridos.



que ficam aprisionados nas piscinas naturais que se formam com os recifes, e assim você poderá tirar muitas fotos bonitas.

Se você caminhar por cerca de 20 minutos à esquerda, chegará na Capela de São Benedito, que fica na beira da praia e é uma das principais atrações do local. Porém, se andar uns poucos minutos a mais, encontrará um pequeno paraíso, onde é possível caminhar centenas de metros mar adentro com a água mal chegando aos joelhos, a uma temperatura de aproximadamente 36 graus, em uma paisagem que emociona.

Para quem gosta, existem os passeios de lancha e catamarãs, que podem ser contratados no local.

Esquecemos de falar da Praia do Muro alto, também considerada uma das melhores da região de Porto de

Galinhas, mas existem poucas possibilidades de acesso, pois os hotéis e condomínios fecharam praticamente todas as passagens, e assim existem praticamente três locais em que o público poderá estacionar os seus carros, sendo dois improvisados, que cobram em média R\$50,00 a diária, e o “Bar da Praia”, que trabalha com o sistema “day use”, cobrando trinta reais para estacionar, além de vinte reais para cada

visitante, e você ficará preso a um cardápio com preços nada atraentes.

Se optar pelos estacionamento improvisados, pensando que estará economizando, terá que escolher alguns dos guarda-sóis e cadeiras para aluguel na praia, mas sem nenhuma estrutura, e terá que se deliciar com os “petiscos” preparados sem a menor noção de higiene em barracas improvisadas na vizinhança.

Caso tenha ânimo para ver o que é miséria, vá até Maragogi, que fica em Alagoas, a uma hora e meia de Porto de Galinhas). A Praia de Antunes é considerada por muitos uma das mais bonitas do Brasil, o que questiono, mas essa fama vem do passado, pois lem-

oxente!

bro-me de quando a visitei há 14 anos, e era realmente um paraíso, mas hoje a especulação imobiliária começa a dar mostras de que vai destruir tudo aquilo, e o visitante terá que alugar uma das centenas de guarda-sóis e cadeiras que os ambulantes colocam à disposição dos turistas, com custos entre R\$30,00 (se chorar muito) e R\$50,00, que podem ser abatidos do consumo de algum “petisco” que não sai por menos de R\$90,00 e não aconselharíamos ninguém a comer, pois são preparados em barracas improvisadas nas imediações, com zero condições de higiene.

Porém, é a pobreza do centro de Maragogi o que impressiona. A orla é bonita, dominada por restaurantes, quiosques e lojas improvisadas atrás de uma avenida que nada mais é do que uma rua apertada de mão dupla, entrecortada por becos, como numa verdadeira “comunidade”, com barracos espremidos, e você não consegue ficar mais de 40 segundos sem ser abordado por alguém pedindo dinheiro ou para comprar alguma coisa para ajudar a família, e assim você terá que levar muito dinheiro trocado na mochila, pois cada um há de narrar um drama maior do que o outro.

Se for comprar alguma coisa desses vendedores, saiba que o preço geralmente será o dobro do que encontraria nas diversas lojinhas da região.

Nessa passagem por Pernambuco, você não pode deixar de visitar o Instituto Ricardo Brennand, em



Praça do Marco Zero em Recife Antigo

visse



Recife, um castelo espetacular onde poderá ver os mais variados produtos medievais como armas, armaduras, estátuas e obras de arte antigas, capazes de entretê-lo por uma tarde inteira.

O Centro Antigo de Recife está completamente em obras de recuperação dos casarões históricos, então está quase tudo fechado, com exceção da Sinagoga Kahal Zur Israel, que foi a primeira das américas, construída nos tempos da dominação holandesa. O local tem quatro andares e é interessante verificar a história dos primeiros judeus a se instalarem no país, além da triste história das famílias que vieram fugidas da Segunda Grande Guerra e perderam muitos de

seus membros nos Campos de Concentração.

Olinda fica a menos de 30 km de Recife, mas não encontramos maiores atrativos. Existe a famosa Praia da Boa Viagem, belamente cantada por Alceu Valença, mas lá é frequentado por tubarões, e o turista pode ficar sem uma perna ou um braço, na melhor das hipóteses. Além disso tem o problema da poluição, comum a qualquer praia de metrópole. É muita pobreza para se ver,



henna, picolé, bolinhos, empadas, saídas de praia, óculos falsificados, colares, pulseiras, entre outras bugigangas que ninguém quer comprar. Neste artigo, tentamos ser “divertidos”, mas não é fácil ficar imunes a

apesar de algumas construções monumentais dos milionários nas orlas dessas praias, que mostram um assombroso desnível de poder aquisitivo da população, muito maior do que ocorre no restante do país.

Preciso deixar claro que não sou como o personagem Caco Antibes, vivido por Miguel Falabela, no seriado “Sai de Baixo” e nada tenho nada contra os pobres, mas não achamos nada bonito enaltecer a miséria, como fazem os agentes políticos que vivem de explorá-los, colocando-se como salvadores dos miseráveis, que ainda votam nele e ainda agradecem.

No Brasil, a pobreza é visível por onde quer que se ande, mas é no Nordeste que a desigualdade social é mais gritante, onde vemos mega construções babilônicas quase vizinhas de palafitas, com muitas crianças sendo colocadas na prostituição pelos próprios pais.

O mais irritante em frequentar praias do Brasil é que você não pode deixar os seus pertences à vista. Há o risco de voltar da água e não mais encontrar a sua bolsa, os seus óculos, os chinelos ou o telefone celular. Geralmente, quando o turista vai em casal, um entra na água e o outro fica na areia, vigiando os pertences. E é extremamente chato ter que falar “não, obrigado” 586 vezes para os ambulantes que passam de 30 em 30 segundos oferecendo queijo coalho, camarão, ostras, lagosta, buchinhas com sândalo, tatuagens de

tamanho discrepância econômica deste país, que obriga esse povo sofrido a tentar ganhar a vida com esse tipo de negócio, neste país que poderia ser o mais rico do mundo.

É uma pobreza que revolta, pois esse povo sofrido não tem como se defender desses políticos vagabundos que ocupam as principais cadeiras do Congresso e também do Executivo Municipal, Estadual e Federal.

Querem saber de uma coisa? O Brasil tem praias lindas, mas Miami Beach é hors-concours, pois o turista não corre tantos riscos e incômodos como aqui.

O problema é que não tenho dinheiro para voltar lá. Já que é assim, vou ter que ficar por aqui mesmo.



foto acima: Pousada Atlantic; ao lado, Doceria Brendt no topo da página, à direita, Praia da Boa Viagem; à esquerda, Instituto Ricardo Brennand

ClodoKill

Fernandes

BALANÇA MAS NÃO CAI

Na terça-feira, fui deslocado pela redação para a cidade de Enseada Pequena, distante pouco mais de sessenta quilômetros da capital. A razão era a iminente queda de um edifício residencial, com graves problemas na estrutura, segundo as informações preliminares. Estava preparando-me para ir a um churrasco de confraternização nas instalações da escola de samba “Vou não!- Vou não!” quando recebi a ordem de ir ao litoral. Cá entre nós, não gosto de praias, areia, sol e sobretudo aquele cheiro de peixe morto que muitos confundem com maresia e é, na verdade, os fluídos emanados das entranhas humanas. Chamei o fotógrafo, Johnny, pegamos o gol bolinha da redação e nos aventuramos pelo asfalto bandeirante.

Ao chegar à cidade, nas cercanias do edifício, número 224, da rua Algarava, havia uma movimentação repentina: a instalação de barraquinhas, ambulantes, flanelinhas, carros de som e funkeiros com seus escândalos sonoros e caixas de isopor cheias de latas de cerveja, a emporcalhar ouvidos e vias públicas, sem contar os famigerados churrasquinhos de gato. Em um local tão monótono, somente a chegada de atrações circenses e feirinhas de artesanato poderia agitá-lo; imagina o alvoroço de um prédio a desabar!... Com ruas e calçadas entulhadas de curiosos, carros chegavam de todas as cidades próximas, emissoras de tv, rádio e youtubers a alardear o drama dos moradores e eventuais vizinhos e transeuntes ameaçados pelo desabamento; carros de polícia, da defesa civil, cavaletes a bloquear o acesso de pessoas e

veículos a uma distância segura; e até mesmo um helicóptero sobrevoava o evento, com suas luzes e holofotes, talvez à procura de novas rachaduras ou outro sinal de perigo... O calor era abafadiço, beirando os 40 graus, e a profusão de indivíduos em trajes sumários tornava a situação mais caótica e reprovável, diante da profusão de desajeitados, feios e sujos.

Vestimos os coletes de imprensa e aventuramos-nos em meio ao odor de suor, álcool, comida estragada e... a maresia. Um policial nos barrou.

- Não podem atravessar!

- Imprensa! – Disse, mostrando o colete e o crachá.

- E daí?!

- Estamos trabalhando, como você!

- Então, deixem eu fazer o meu serviço, e caia fora!

Pedi o Johnny para filmar o prédio, e me aventurei a entrevistar quem estivesse ao alcance. Um círculo foi-se formando, e me vi puxado, virado, alguns queriam uma selfie, outros se jogavam ao microfone, enquanto outros ajustavam os cabelos e a roupa antes de surgirem diante das câmeras. Era claustrofóbico e ultrajante, pensei. Quando chegar à redação, vou dizer poucas e boas para o chefe. Era o que sempre sonhava, mas nunca tive coragem suficiente para realizar.

- Eu vim de Turíbio Dias! – Uma senhora dos seus sessenta e tantos anos disse, ao tentar arrancar-me o microfone.

- É distante?

- Ah, uns setenta quilômetros... e minha carteira

está vencida! – Parecia a confissão de uma serial killer, após ser confrontada por inúmeras provas dos seus crimes.

- E veio só pelo prédio?

- O que acha, rapaz?!... É o acontecimento do ano, não ia perder isso por nada deste mundo!

Outro tinha a certeza de não passar daquela noite:

- Do jeito que está, amanhã será apenas monturo.

Alguém, sabe-se lá como, previu o desabamento havia oito anos, após ler as cartas para uma moradora e sugerir a venda do lugar e a comprar de outro imóvel, pois aquele estava com os dias contados.

- Não sei se ela seguiu o meu conselho, espero que sim. Parecia uma mulher decente...

Um ambulante me ofereceu uma cerveja pelo preço de dez, enquanto vendia chips como se fossem trufas brancas.

- A culpa é da prefeitura. Esse não é o primeiro prédio que desaba... Não tem fiscalização, e não se faz nada enquanto a tragédia não acontece.

- Mas, meu senhor, o prédio não caiu, e não houve nenhuma tragédia – Disse.

- Não?!... Espera para ver! – E fez uma careta simiesca para a lente.

Senti uma mão no bolso. Onde estava o meu celular. Rapidamente, tentei conter a investida, mas diante da aglomeração, dos empurrões, gritos, falatório e o helicóptero a zanzar barulhento e a misturar-se à pornografia ruidosa dos funks, notei apenas o alívio no bolso e o vazio na carteira; e a certeza de, mesmo em um lugar tão ordinário, a velhacaria equivaler à mesma da capital e grandes centros.

- Vim preparada para ficar dias, se precisar uma

semana - disse uma mulher dos seus quarenta e poucos anos, tatuada nos braços, pescoço e pernas, e uma argola de prata dependurada no nariz.

- Não tem nada melhor para fazer? – Perguntei.

- E o que pode ser melhor? – Soltou uma gargalhada mista, entre o cafona e o repugnante.

Após hora e meia, entre tomadas, entrevistas e a tentativa infrutífera de entrar no prédio e inspecionar as rachaduras nas paredes e a corrosão de duas colunas de estrutura, Johnny me chamou e disse:

- Já deu! Vamos embora!

Sem mais o que fazer, fomos até o carro, que estava a uma distância de 200 metros. Parecia, contudo, uma jornada a Compostela, pois gastamos mais de meia-hora na empreitada. Chegando lá, colocamos os equipamentos no porta-malas e nos dirigimos aos assentos, quando notei os dois pneus laterais furados.

- Desgraçados! Furaram os pneus!

- Putz! Os daqui também, disse Johnny.

Em frente, dois moleques apontavam para nós. Fui até eles para tirar satisfação. Mas antes que pudesse falar qualquer coisa, um deles veio na minha direção, entregou-me um cartão e disse:

- É 24 horas! – Deu-me as costas.

Olhei o papel... “Carlinhos Auto: troca e conserto de pneus em geral. Compramos o seu usado pelo melhor preço do mercado. Tel.: (13)99999-9999”.

Não restava mais nada. Passei o cartão para o Johnny. Ele ligou.

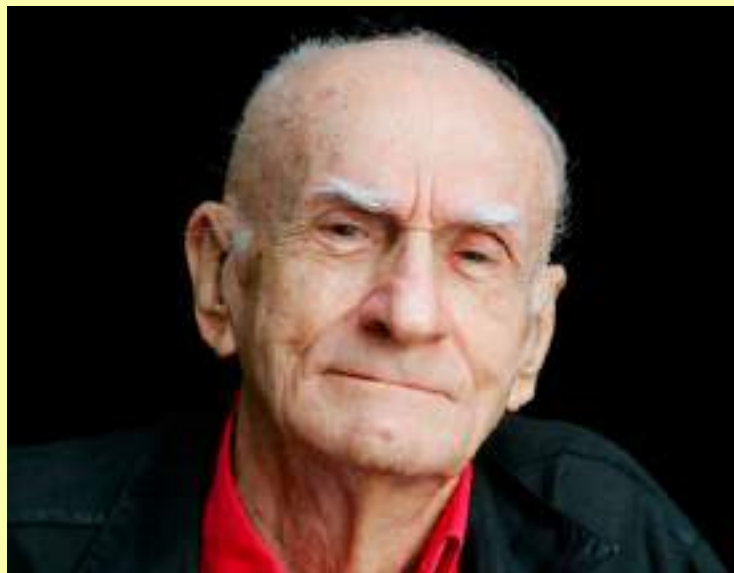
- Disse que chega em 20 minutos.

O tempo de tomar aquela cerveja e comer chips, como se fossem champanhe e caviar, e estivesse na Riviera Francesa.



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

ARIANO SUASSUNA



Em um país dividido ideológica e partidariamente, onde os valores, talentos e dons são aquilataados pelo viés político, tanto de um lado como do outro, com raríssimas exceções, tendem a colocar tudo e todos dentro da sua caixa de pandora. Basta o elogio de um correligionário ao pensamento, arte ou análise de um oponente (mesmo a concordar com o fragmento e não o todo) e será suficiente para constatar a traição e debandada às fileiras inimigas. De cá e de lá, não se permite arrazoar-se, entender que existem diferenças mas também convergências, que os caixotes não precisam ser estanques; é possível o diálogo, reconhecer acertos e a comunhão de ideias, muitas vezes recursos mais eficientes, verdadeiros e satisfatórios do que os enclausurados nas “gaiolas dos loucos”. Os estereótipos, os radicais e suas falas insanas, acabam por viabilizar a padronização de todos como se saídos de um único molde. É verdade que esses espécimes têm pululado em maior número, brotado como ervas daninhas, e com eles é praticamente impossível qualquer diálogo ou entendimento, visto suas mentes serem formadas e formatadas por chavões e clichês repetidos à exaustão, típicos dos cães que se identificam ao cheirar o “fiofó” alheio.

Nós, da Bulunga, entretanto, não desprezamos o talento e as virtudes de quem quer que seja, desde que apresentadas em equilíbrio, prudência e bom senso. Também, não somos obrigados a reconhecer o todo ao admitir uma parte; isso é lá com os intratáveis e ominosos panfletários e ativistas obtusos e tóxicos.

Toda esta introdução não seria necessária se a figura de Ariano Suassuna não estivesse ligada ao socialismo e esquerda, e durante boa parte da sua vida teceu loas à figuras como Arraes, Lula e Eduardo Campos; membro do P.S.B. e uma figura quase folclórica. Não

comungo das suas simpatias, mas isso em nada afeta o seu talento e capacidade de traduzir em arte a realidade. Novamente, para deixar claro, falo das partes, não do todo. E não preciso reconhecer o todo para saber que frações de sanidade e juízo é possível a qualquer um, desde que sua consciência não esteja aprisionada por discursos obsessivos e psicóticos. Seus “causos”, narrados em palestras e oficinas pelo país, são ainda hoje objeto de deleite e risadas de milhões de pessoas que o assiste no YouTube, p. ex., ou os capazes de apreciar a sua arte em prosa e verso. A capacidade de ser ao mesmo tempo popular, erudito e pensador sagaz o tornam emblemático na cultura nacional; e ao idealizar o “Movimento Armorial”, fundiu essas qualidades e valorizou a cultura nordestina.

Mas, quem foi mesmo Suassuna?

Nasceu em 1927, em João Pessoa, e faleceu em 2014, em Recife. Escritor, dramaturgo, ensaista, poeta, artista plástico e filósofo, era filho do presidente (hoje, governador) do estado da Paraíba, João Suassuna, assassinado no Rio de Janeiro por questões políticas, em 1930, e, segundo o próprio Ariano, a morte do pai foi encomendada por familiares de João Pessoa, também assassinado, meses antes, quando disputava as eleições à presidência do Brasil, na chapa de Getúlio Vargas.

Aos dezesseis anos, mudou-se com a família para Recife, onde concluiu o ensino secundário no Colégio Americano Batista. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Aos dezoito anos, publicou o seu primeiro poema “Noturno” no Jornal do Commercio. A primeira peça, “Uma mulher vestida de sol” foi escrita em 1947. Entre 1952 e 1956, dedicou-se à advocacia e ao teatro. Nesse período, em 1955, escreveu talvez a sua obra mais famosa: “O Auto da Compadecida”, traduzida para o inglês, francês, italiano, espanhol, polonês, entre outras. Nessa obra, de maneira simples, engraçada e caricatural, sem esquecer dos elementos satíricos, ao mesmo tempo em que apresentava as corrupções da alma, com todas as suas ambiguidades, notava-se também os elementos arraigados na moral cristã, sem a necessidade de escrever um tratado teológico. Segundo ele mesmo, teve formação calvinista, tornou-se agnóstico (o ateu que não se assumiu), e após o casamento e influência da esposa, Zélia, converteu-se ao catolicismo.



Certa vez, descreveu a sua arte: "... Em quase todo o meu teatro, um pouco por causa da natureza da sátira, mas também um pouco, parece, por causa da minha formação calvinista, eu passo o tempo todo julgando os outros e a mim mesmo, absolvendo ou condenando os bons e os maus. Nesse meu longo romance, Quaderna, O Decifrador, do qual A Pedra do Reino é a primeira parte, não digo que não existam as categorias do Bem e do Mal, mas acho que, sem querer, por uma questão de amadurecimento, eu me libertei do espírito de julgamento, para balbuciar como os Cantadores nordestinos, o grosseiro esboço de uma filosofia e de uma teologia mais libertas porque mais próximas da Divindade – e esse esboço de pensamento meu é profundamente marcado por Santa Tereza e por São João da Cruz (...). Divindade que parece ter uma certa predileção por esse mundo de cactos, pedras, bodes, onças, cavalos pequenos e velozes, homens duros..."

E, também, falou sobre sua relação com Deus: "Acho que muito pouco ou quase nada sabemos sobre Deus, de modo que seria uma atitude muito grande de orgulho, para mim, querer impor pontos de vista pessoais à Igreja. Sou um homem contraditório e dilacerado, inquieto e cheio de dúvidas. Exatamente por isso é que sinto necessidade de Deus. É a ele que eu, às vezes cantando, às vezes rindo, às vezes rugindo, faço minhas perguntas. Perguntas sobre o Mal, sobre o sofrimento, sobre a terrível angústia humana, sobre o sentido de todo esse estranho jogo da vida, que foi ele - e não nós - quem começou." Morreu, após terminar a sua obra mais ambiciosa, o romance póstumo "A Ilumiara", escrito em duas partes, nos últimos 30 anos de vida.

Ocupou a cadeira 32, na Academia Brasileira de Letras.

Othon Cávado



Frases

1. Não existe arte nova ou velha, só boa ou ruim.
2. O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso.
3. Imaginem que tédio um lugar só com macho.
4. Quem gosta de ler não morre só.
5. Não sei, só sei que foi assim!
6. O sonho é que leva a gente para a frente. Se a gente for seguir a razão, fica aquietado, acomodado.
7. Acho Melville, por exemplo, extraordinário. Agora, Madonna e Michael Jackson são muito burros, limitados, medíocres. É ofensivo dizer que representam a cultura americana.
8. O homem não nasceu para a morte; o homem nasceu para a vida e a imortalidade.
9. Eu sou um péssimo ator. Não sou só o pior ator vivo, eu sou o pior ator vivo e morto.
10. Tem gente que não gosta de adjetivo em texto. Eu confesso que não sei escrever nada sem adjetivo.
11. Não tenho medo da morte. Na minha terra, a morte é uma mulher e se chama Caetana. E o único jeito de aceitar essa maldita é pensando que ela é uma mulher linda.
12. Já me disseram que eu quero colocar a cultura brasileira dentro de uma redoma de vidro pra que ela não se contamine, e isso é bobagem. Sou a favor da diversidade cultural brasileira. Só não admito é a influência de uma arte americana de segunda classe.
13. Eu não tenho imaginação, eu copio. Tenho simpatia por mentiroso e doido. Como sou do ramo, identifico mentiroso logo.
14. O Brasil tem uma unidade em sua diversidade. A gente respeita a cultura gaúcha, nordestina, amazônica. O que é ruim é este achatamento cosmopolita. Você liga a televisão e não consegue distinguir se um cantor é alemão, brasileiro ou americano, porque todos cantam e se vestem do mesmo jeito.
15. Acredito que toda arte é local, antes de ser regional, mas, se prestar, será contemporânea e universal.
16. Os doidos perderam tudo, menos a razão. Têm uma (razão) particular. Os mentirosos são parecidos com os escritores que, inconformados com a realidade, inventam outras.
17. O gosto médio é uma peste, é muito pior do que o mau gosto... A massificação procura baixar a qualidade artística para a altura do gosto médio. Em arte, o gosto médio é mais prejudicial do que o mau gosto... Nunca vi um gênio com gosto médio.
18. Não troco o meu 'oxente' pelo 'ok' de ninguém!
19. Não sou contra muita coisa que disseram que sou. Já publicaram algo que eu teria dito e aí vieram me dizer: isso que o senhor disse é um absurdo. Aí eu respondo: é um absurdo, mas não fui eu que disse.
20. Eu digo sempre que das três virtudes teológicas, sou fraco na fé e fraco na qualidade, só me resta a esperança.

Post Scriptum VI

Jorge F. Isah

Os agentes estavam aglomerados no corredor, à espera do restante dos minutos expirarem. Faltava um quarto de hora para se cumprir o mandato. Havia a esperança de não ser necessário, de chegar a qualquer momento a notícia de o médico satisfazer a intimação. Alguns deles se perguntavam o porquê dele ainda não o ter feito, já que era uma ordem judicial irrevogável. Qual hipótese de se reverter a sentença? Somente se a cumprisse. E qual a dificuldade em fazê-lo?... Seria o homem um agente do imperialismo ianque? Um fanático religioso? Um terrorista? Ou um antidemocrata disposto a ruir com a ordem institucional e constitucional do país?... A verdade é que ninguém o conhecia, era anônimo, e talvez estivesse em busca dos seus segundos de fama, de alguma notoriedade midiática e aparecer na imprensa... Outros, não davam a mínima. Sequer faziam elucubrações ou indagações quanto aos eventos. Importava apenas cumprir o seu dever o mais rápido e cômodo. Não eram dados às implicações dos seus atos. Bastava cumprir ordens e pronto; sem queixas, acusações ou reflexões. Não eram responsáveis pelas decisões, pelos ofícios, pelos arrestos ou prisões. Isso partia de cima, e satisfaziam-se em manter a consciência e escrúpulos fora do escopo da função... E, não poucos, eram os que se

deliciavam, quase em êxtase, por ver os “malditos fascistas” destruídos, banidos da sociedade. Neste caso, demonstravam claramente a impaciência com a demora em executar os mandatos, e estavam prontos, céleres, em ver os acusados de algemas, preferencialmente resistindo e, assim, poder dar-lhes uns tabefes e sopapos à guisa de mostrar a qual lugar pertenciam... Invariavelmente, todos, uns mais e outros menos, tinham nos ponteiros do relógio um aliado ou inimigo, a depender do humor e da capacidade de ver o copo se encher ou esvaziar.

A porta abriu. A secretária entrou. Era uma mulher de estatura mediana, cabelos castanhos, olhos inteligentes, e um corpo abastecido de energia. Era pragmática, inclusive no imprevisto, a portar-se lúcida e equilibradamente em quase todas as situações. Raro vê-la embaraçada, histriônica ou apática. Gostava de estar no controle das circunstâncias, a despeito de saber que nem sempre isso era possível e desejável. Aquele era um desses momentos, em que pouco ou nada podia fazer.

- Doutor, está na hora!

O médico levantou a cabeça, paulatinamente, como se estivesse a despertar de um sono em câmera lenta.

- Já?! – Não por desconhecer o instante, conferira o relógio havia pouco, mas a quebrar tão somente o



silêncio interior. Ajeitou o jaleco, colocou os óculos e mecanicamente acomodou os papeis à mesa, como sempre fazia antes de sair. Os ponteiros indicavam os cinco minutos derradeiros.

- Quer algo? Água, café, alguma coisa?

- Não.

A mulher manteve-se entremeio à porta, à espera de algo que sabia não vir. Caminhou na direção do chefe, e parou diante dele.

- Doutor, posso dizer uma coisa? Se me permite...

- Sim, claro...

- Não sei qual a sua decisão, mas conhecendo-o há tanto tempo, independente do que faça, não sinto como se fosse um perdedor, mas seja altivo, confiante, e saiba que não somente eu, mas vários de nós, estamos ao seu lado... Admiramos muito o senhor. – Convicta, esperava animar e trazer-lhe algum estímulo. Sabia quais eram os seus dilemas, e se demorara ao ponto das coisas se consumarem da maneira menos conveniente é porque havia tomado a posição correta, distante da costumeira e habitual em seu meio profissional, e isso implicava em uma alma benévola, com toda a práxis dúbia e surpreendente da vida. A decisão dele só poderia ser uma e, caso não fosse, não o censuraria... talvez se decepcionasse, mas jamais o condenaria.

Durante o transcurso do processo, ele ouviu muitas coisas, de todos os lados, de todos os interessados, quase sempre sem obter conforto ou clareza quanto ao agir, mas, agora, alguém estava disposto a se solidarizar com ele, não pela decisão, não pelo que pudesse fazer ou deixar de fazer, mas por quem era. Sim, claro, suas atitudes definiam muito mais quem era do que ele pudesse dizer ou alguém pudesse discorrer, e foi inevitável se lembrar de uma frase do irmão: “A fé sem obras é morta!”, ao repetir o dito de um profeta ou apóstolo, não sabia direito quem. A reflexão era esta: as obras não fazem quem você é, elas apenas dizem ou revelam quem você é. Elas não são as causas, mas as consequências. Como o Mestre

também disse: “Pelos frutos conhecereis a árvore”. Os frutos não são a árvore, mas mostram a qual árvore pertencem; e nisto o irmão o ajudou bastante, a primeiro definir quem era, para depois se decidir, e não o contrário. Se tal ocorresse, seria mais provável deliberar a partir da vontade alheia ao invés da sua. A liberdade seria definida por outros, e não por ele. O íntimo estaria irremediavelmente preso aos conceitos e opiniões externas, e não mais seria ele, talvez o ajuntamento de muitos ou a influência de alguns. Era preciso encontrar-se a si mesmo, se situar diante da realidade e esforçar-se para produzir interiormente o “eu” sujeito à verdade, e assim encontrar a paz, tanto para resolver o dilema quanto as consequências da decisão.

- Obrigado!

- Sei que fará o certo, doutor!

Ergueu-se, faltava pouco mais de trinta segundos. Ela estendeu-lhe a mão, cumprimentou-o.

- Sempre foi um prazer trabalhar para o senhor! Espero vê-lo, em breve.

Deu um tapinha no ombro dela, não esperou, e indicou-lhe a porta.

Antes de sair, respirou fundo. Foi ao bebedouro e tomou um gole d'água. Abriu-se a porta do corredor, e os agentes entraram. Eram cinco ou seis, com balaclavas, luvas de couro, coletes e as armas visíveis nos coldres.

- O senhor é o doutor...

- Sim.

- Vou ler os seus direitos!

A voz se misturou ao burburinho. O corredor se encheu de médicos, funcionários e, um ou outro paciente privilegiado, assistiram a toda a cena. Percebeu uma lágrima nos olhos da secretária. Olhou-a. E ela pode ver, pela primeira vez na vida, um homem sereno, sem agitação, de uma naturalidade tão luminosa que não lhe deixou dúvidas. Porém, ainda não sabia, e soube tempos depois...

Enquanto os músculos do rosto se relaxavam e quase respondeu ao aceno otimista do chefe, o dr. Daniel.



Optica MetrÓpole

Rua da Bahia, nº 1052 - Centro - Belo Horizonte - MG - Tel. (31)3226.3212

A PSICOLOGIA DA CORRUPÇÃO

É possível reconhecer um corrupto ainda no berço. É aquele menino que fica gritando “é meu, é meu, é meu”, de olho no brinquedo do coleguinha, e de nada adianta você oferecer outro item idêntico, pois quer tudo para si. “Ah, mas toda criança faz isso”, alguém poderá argumentar, com acerto: todo ser humano é atraído para a corrupção, que nasce do ego, termo que deu origem à palavra “egoísmo”, um defeito que precisa ser corrigido ainda no berço, ou aquela criança irá crescer e se tornar um grande corrupto. Ele começará furando a fila da cantina, depois passará a falsificar as notas do boletim, a trapacear nos joguinhos com os colegas, entre outras incursões, e irá se aperfeiçoar até atingir a idade adulta.

A corrupção sempre fez parte da história do mundo, e está presente em todos os países, mas, no Brasil, encontrou um ambiente propício, desde o episódio da invasão, também conhecido como “descobrimento”, quando os habitantes originários foram seduzidos pelas bugigangas que os estrangeiros lhes ofereciam em troca de seus preciosos recursos naturais. Esses nativos, incorretamente denominados “índios”, não eram puros nem santos, como tentam nos convencer os mais românticos, pois em sua convivência tribal já existiria alguma forma de favorecimento aos mais poderosos, que retribuía oferecendo benefícios aos seus apoiadores, mas temos relatos de que alguns até chegaram a se rebelar, mas foram severamente reprimidos, assim como ocorre, nos tempos atuais, com os opositores ao poder vigente.

Este mal não se restringe ao meio político, mas está presente em todas as instituições, públicas e privadas, e até mesmo no meio religioso, podendo ser praticada por ação ou omissão, ativa ou passivamente, e deve ser combatido com rigor, sob pena de a situação

fugir do controle, tornando-se pandêmica, como aconteceu no Brasil.

O problema é que os principais agentes que deveriam combater essas ações nefastas também acabam se corrompendo, dando origem a um generalizado caos, com a perda da referência do que é certo ou errado.

A trama se inicia nos partidos políticos, em que ficam de prontidão os grandes corruptos, não necessariamente apegados a ideologias, mas sedentos por cargos estratégicos, para os quais são indicados sem a necessidade de um único voto, e assim passam a praticar os mais abomináveis conchavos que o público nem fica sabendo, tamanha a sofisticação dos esquemas, que se perpetuam gestão após gestão.

Por isso, a alternância no poder é desejável, no sentido de que os novos e potenciais corruptos começarão a agir de forma mais moderada, aceitando pequenos subornos, passando pelas “rachadinhas” e outros delitos considerados menores (mas não menos reprováveis), até chegarem às concessões e contratações de obras de grande porte; porém, o problema se agrava quando um corrupto é reeleito, pois já conhece os esquemas do funcionamento da “máquina”, e aí o rombo é muito maior.

A corrupção pode ocorrer por ação ou por omissão, sendo que esta última não é necessariamente sinônimo de corrupção passiva: é a atitude de quem está ciente dos fatos, mas nada faz para denunciá-los, o que é popularmente conhecido como “vista grossa”. Quem faz isso é, também, corrupto.

O Brasil precisa de heróis, mas que não sejam falastrões e tampouco fiquem presos a linhas imaginárias, ou serão engolidos por um sistema que é cruel, que se apoia em um jornalismo igualmente corrompido, livre para praticar uma feroz ditadura que reprime com excessivo rigor quaisquer discordâncias, antes mesmo que se manifestem.

DESMISTIFICANDO MITOS

O título do artigo é redundante, mas se formos pensar de forma racional, seria difícil gostar dos Beatles. Foi um grupo de jovens fabricado por um fabuloso empresário, que definiu o que deveriam cantar, o que poderiam vestir, como se portar, o mesmo que fizeram posteriormente com o N'Sync, os Menudos e o Polegar (que comparação maldosa!), mas, naquele caso, por um simples acaso... deu certo!

Vamos corrigir: não foi tanto um simples acaso. Eles tinham um grande talento que foi se revelando aos poucos, depois que deixaram de cantar besteiras como "She loves you, yeh, yeh, yeh", ao mesmo tempo em que passavam a mostrar sua verdadeira personalidade, alterando radicalmente o visual, sempre imitados por sua legião de fãs que copiaram os terninhos e cabelos cortados com o uso de cuias, e depois, os cabelos e barbas compridas, roupas coloridas e andróginas, que marcaram o Movimento Hippie.

Sejamos sinceros: já repararam nas letras de suas músicas? As primeiras, falavam sobre acasalamento, depois passaram para a exaltação às drogas e, por fim, de desolação e depressão.

O que trouxeram de construtivo para o mundo? Dizem que a letra "Imagine" trabalho solo de John Lennon, era um verdadeiro hino à paz, mas o seu autor e intérprete não poderia ser considerado um exemplo de pacifista, pois era conhecido pelo seu gênio difícil, por sua arrogância, egoísmo e insegurança, que não se prestou a dar o devido amor aos filhos e se submeteu como um escravo às ordens de Yo-no-Komo.



Contudo, Paul e George, e por quê não dizer Ringo, já eram mais simpáticos com o público, bem diferentes do revolucionário John.

Todos os quatro eram uns drogados, e foram responsáveis por espalhar essa moda aos jovens de todo o mundo, contribuindo para que milhões de rebeldes sem causa se tornassem inúteis, burros e vagabundos.

Com o tempo, aprimoraram o seu talento, principalmente John Lennon e Paul McCartney. George Harrison também era bom, e conseguiu provar isso, também, em sua carreira solo. E tinha ainda Ringo Star, com o seu grande nariz. Apenas isso.

Seria injusto não elogiarmos alguns de seus grandes sucessos, como Let It Be, Yesterday, Hey Jude, Something, Here comes the Sun, entre diversas outras, que influenciaram milhares de bandas ou cantores que vieram depois.

Os "fãs de carteirinha" do quarteto devem estar cientes de que o tempo passa, e que temos que seguir adiante, ou ficamos acorrentados ao passado. É claro que vez ou outra ainda podemos ouvir algumas de suas músicas, mas nada de idolatrá-los, como alguns malucos ainda insistem em fazer.

THE BEATLES



Jorge F. Isah

Como sempre acontece, existem leituras a suscitar curiosidade e interesse, mas negligenciadas, seja lá por qual motivo, durante anos e mesmo décadas. “O Velho e o mar” é uma delas. Li a novela (há quem insista em chamar de romance, mas eu prefiro descrevê-lo como novela) ainda adolescente, e sempre nutria, à medida que os anos avançavam, o desejo de reler ou melhor de lê-lo de verdade. Se inicialmente as impressões eram sobre a luta do homem com a natureza e suas forças aleatórias e caóticas, sobre a sobrevivência em seu estado mais puro e brutal, a velhice e inevitabilidade da morte, pude confirmar a maioria e acrescentar algumas outras.

Desde quando li, pela primeira, “Adeus às Armas” e embrenhei-me na escrita do americano, ela sempre me pareceu realista quase ao ponto de ser autobiográfica, com poucos elementos ficcionais. A verdade é que o estilo de Ernest é muitas vezes áspero e violento, sem deixar, contudo, de esbarrar na poesia, sentimentos e emoções, e até mesmo em aspectos transcendentais, sem alijar a costumeira objetividade.

Talvez este seja o seu livro mais delicado, sem ser piegas ou ingênuo. Não. Em nada a história pode ser classificada por singela ou bucólica. Trata-se de um livro de sobrevivência, de luta pela vida, pela morte, de sucesso e fracasso. O próprio Hemingway se via as voltas com o ostracismo literário após o sucesso estrondoso de “Por quem os sinos dobram” (presente em minha lista há algumas décadas), morando em Cuba e se tornando ele mesmo um espectro do “velho” no mar. Nos dez anos a anteceder a publicação desta novela, o autor não produzira nada a chamar a atenção da crítica e público, e muitos o consideravam acabado para a literatura.

Mas, ele deu a volta por cima, e o velho Santiago,

alterego de Ernest, é um ancião que perdeu a sorte na pesca e está há mais de oitenta dias sem fisgar nada. Alguma semelhança?... Dia sim, outro também, põe o seu barco em movimento e, como se diz entre os pescadores, leva as suas iscas para tomar banho. Não tem parentes ou amigos, à exceção do jovem aprendiz Manolin, a acompanhá-lo nas pescarias frustradas. Com isso, seus pais convencem o rapaz a abandonar o mestre e se juntar a outro que ainda não perdera a sorte. Manolin, como fiel escudeiro de Santiago, eleva-lhe o ânimo e estima, resgata histórias vividas por ambos e os vários sucessos nas investidas marítimas. Também supre-lhe as necessidades de comida, jamais o renegando.

Certa manhã, Santiago sai disposto a reverter o seu azar, novamente estimulado pelo pupilo, e aventura-se sozinho em mar aberto, no seu pequeno pesqueiro, e trava uma luta que durará dias com um Marlin azul ou Peixe-espada. Não foi à toa que Hemingway escolheu esse peixe, considerado por pescadores um dos maiores “brigadores” dos oceanos, capaz de chegar a quatro metros de comprimento e pesar meia tonelada. Essa era a sua batalha com outro “monstro” capaz de destruir almas e desgraçar vidas: a literatura. Diante do papel em branco, enfrentá-lo não é para qualquer um, seja calejado ou não no ofício da escrita. Em outras palavras, para o velho (ou Hemingway), era uma peleja difícil de se vencer, mas necessário desafiá-la. Com o tempo, adquire um certo “companheirismo” com o espadarte, passa a admirar a sua valentia, e até mesmo se arrepende de tê-lo pescado.

Em um dos momentos de meditação, ponderou:

“É maravilhoso e estranho, e quem sabe como será velho, pensou. Nunca apanhei um peixe tão forte, nem que se portasse tão estranhamente. Talvez não esteja disposto a saltar. Podia dar cabo de mim com

um pulo ou uma correria desenfreada. Mas talvez já saiba o que é um anzol e que é assim que lhe convém lutar. Não pode saber que é um só contra ele, nem que é um velho. Mas que grande peixe! E, se a carne é boa, o que não dará no mercado! Mordeu a isca como um macho, é como um macho que puxa, e luta sem pânico algum.

Terá quaisquer planos, ou estará apenas tão desesperado como eu?”.¹

Isolado, solitário, sem forças, com pouca água e comida, ferido, medita sobre várias coisas dos céus, da terra e do mar, e, entre elas, pairam dúvidas inclusive sobre sua profissão:

“Talvez eu não devesse ser pescador, pensou. Mas foi para isso que nasci. Não devo esquecer-me de comer a “tuna”, antes de aclarar”².

E reconhece também ser o peixe mais forte do que si, e a necessidade de não deixá-lo perceber sua fraqueza. Gostaria também que o garoto estivesse ali, para ajudá-lo a subjugar o animal:

“É um grande peixe, e tenho de o convencer, pensou. Não devo deixá-lo nunca tomar conhecimento da sua própria força, nem do que poderia fazer se corresse. Se eu estivesse no lugar dele, jogava o tudo por tudo, até que alguma coisa rebentasse. Mas, graças a Deus, não são tão inteligentes como nós, que os matamos, embora sejam mais nobres e mais capazes”³.

“Se o rapaz aqui estivesse, molharia as voltas da linha, pensou. Sim. Se o rapaz cá estivesse. Se o rapaz cá estivesse”⁴.

A narrativa é simples, acessível e moderada, sem ser bárbara (apesar de sanguinolenta e terrível) e, mesmo diante da morte e do iminente fracasso, permanece suave, tal qual calmaria após a tempestade. Certamente não é fraqueza, mas o sábio a reconhecer o imponderável e forças muito acima da sua capacidade e entendimento, a controlar o destino e rematar-lhe o final. Para um livro pequeno, a quantidade de significados abarcados são inúmeros; tem o caráter metafórico e análogo no conflito empreendido por Santiago e a saga de Hemingway as voltas com outro grande adversário: o desafio de vencer uma página por dia. Além, claro, dos aspectos a permeiar a vida de qualquer um, seja em qual tempo for, independente da situação, lugar ou circunstâncias, a verdade é que o livro tem caráter universal, aplicável a um, muitos ou todos, em diferentes nuances e minúcias e, por isso, ganhou sucesso imediato.

Houve adaptações para o cinema (quero assistir ao Spencer Tracy), no teatro e na literatura. Não entendo a razão de muitos clássicos tornarem-se resumos ou sinopses. Especialmente quando se trata de uma obra próxima das cem páginas. Existe a peculiaridade de se tornar palatável e acessível volumes enormes a algumas dezenas de laudas, para atrair o público jovem, mas desconfio do tratamento dispensado a elas, mesmo saído da pena de grandes escritores. Na infância, convivi com adaptações de Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz, Fernando

Sabino, Paulo Mendes Campos, Marques Rebello, entre outros nomes vultuosos e emblemáticos no Brasil, e usados nas aulas de português. Poder-se-ia, ao menos, cogitar um ou outro original, mas desde aquela época existia o hábito de subestimar alunos e tratá-los por incapazes de entender esse ou aquele autor, e vê-los como mendigos intelectuais. Vá lá! Nem tudo é possível ao inexperiente e juvenil leitor, mas aí se encontra a razão ou a lógica do mestre. Afinal, a ele é dado auxiliar e mesmo descortinar as complexas questões literárias e da vida, certo? Errado. Já que cada vez mais os alunos são rebaixados e submetidos à pseudoliteratura e pseudoautores, o trabalho se fazia mais fácil, e sem esquecer os interesses camuflados, jamais os estudantes tomarão contato com o que possa haver de real e verdadeiro. Dão-lhes a falsa ideia de ter, quando o pouco que não têm, é-lhes tirado.

Livros de quinhentas, seiscentas ou mais páginas eram condensados em cem, cento e poucas, e apesar do talento dos adaptadores, sempre foram mais danosas do que uteis. Então, me pergunto: qual o significado de resumir cem páginas em dez ou vinte?... O leitor indisposto a ler “O velho e o mar” se interessará por algo ainda mais diminuto; e, com o tempo, será capaz de apreciar os livros de Dickens, Dostoievski, Tolstói, Mann, Faulkner e outros prolíferos escrivinhadores? Duvido. Na verdade, é impossível. Serve apenas para facilitar e sustentar a preguiça e o desânimo de apedeutas, sejam “professores” ou “pupilos”. E, com isso, se privam do melhor e mais rico “testamento” da humanidade, preferindo a ignorância de salamaleques e giros seminus ou tropeções na própria sombra...Fantasiados de docentes ou aprendizes. Quando não se ensina, ou não se está disposto a aprender, o que resta a não ser imitar macacos, funkeiros e exibicionistas? Resta os megalômanos e orgulhosos do TikTok, Instagram e Onlyfan, entre outros menos votados.

De volta ao livro, o final é ao mesmo tempo trágico e belo. O renascimento na tragédia. A aurora após noite tenebrosa e revolta. Talvez Hemingway tivesse tal qual o seu personagem um novo sopro de vida em meio as vicissitudes e percalços. Mas a história, porém, não foi capaz de confirmar esse prenúncio, e sabemos no que deu, infelizmente.

Resta-nos, portanto, apreciar a intrincada mas inteligível obra de “Hem”, composta de acertos e erros do homem Ernest, mas também do genial escritor; repleto de vida, ainda que esteja sempre a pairá-la a escorregadia e capeada morte.

Avaliação: (****)

Título: O velho e o mar

Autor: Ernest Hemingway

Páginas: 80

Editora: Livros do Brasil

Tradutor: Jorge de Sena

1 Página 28 e 29

2 Página 30

3 Página 37

4 Página 49

A vida naturalmente antinatural

Kim Jordan

Ultimamente, entre os entendidos, só se fala de IA para cá, IA para lá. Nada mais é importante: guerras pipocando em todo lado, os direitos individuais sendo “caçados”, literalmente; a tão decantada democracia se torna em governo de um ou uns, ao invés da maioria; o preço do arroz nas alturas, e o futebol está uma desgraça só. Nada se parece com a antiga Roma, onde ao menos davam pão e circo ao povo. Sem pão e circo governamentais, sobra a IA para quem puder pagar.

Não é de hoje que se fala em Inteligência Artificial; esta questão já era discutida nos primórdios do século passado. Havia muita teoria e quase nenhuma tecnologia disponível para concebê-la. Se antes fazia parte da discussão de gatos pingados, atualmente pode bem ser vendida no Mercado Livre, Amazon ou Aliexpress, nas mais variadas formas e conteúdos. Se antes havia as “vendinhas” e os “secos e molhados”, os grandes Marketplaces estão aí para ninguém sentir saudade ou ficar órfão de bugigangas. E, cada vez mais, as pessoas e suas vidas artificializam-se, sem que se saiba aonde esta onda irá parar.

A IA pode ser uma grande ferramenta na educação, ao reproduzir determinado cenário ou evento histórico, geográfico, climático, catastrófico e auxiliar no entendimento de crises, desastres, acidentes, prevendo-os e contribuindo para evitá-los. Também pode se tornar em ótima ferramenta médico-cirúrgica, laboratorial, e no ensino de praticamente qualquer matéria acadêmica, desde a astronomia, física, química, engenharia, zoologia e botânica, sem contar genética, entre outras. Certamente, à medida em que os avanços ocorrerem, novas aplicações estarão à disposição de um número cada vez maior de pessoas. Já existem planos de filmes criados exclusivamente por IA, passeios turísticos e uma infinidade de proposições a facilitar a vida, ao menos preliminarmente.

A questão é: estaria o homem abrindo mão do real e fidedigno em troca do artificial e postigo?

Se por um lado, a aplicação pode ser benéfica, por outro lado, já existem especulações e experimentos a criar um mundo pseudoreal ou fake. Imagine aquela postagem no Instagram, da pessoa mais antipática, perversa e solitária da vizinhança ou do trabalho, a comemorar o aniversário entre mulheres exuberantes e alegres, congoçando-se com amigos esbeltos e atléticos em meio ao luxo e ostentação? Isso será possível, com apenas um toque.

Ou aquele advogado ciente da necessidade de livrar o cliente da maior enrascada e forja um vídeo em que, no momento do crime, o réu está no outro lado do mundo a esquiar nos Alpes italianos? Ou aquela câmera a flagrá-lo a degustar pão-de-queijo e cafezinho no Bar do Ananias, ao som de um sertanejo universitário?

E as investidas na pornografia, onde o “do it yourself” o livrará dos “produtores” de filmes adultos e contorcionismos do Onlyfans?

Mas nada disso pode ser pior do que as pessoas acreditarem que estão a viver isso mesmo, que as suas vidas são reais, seus relacionamentos reais, suas lembranças reais, registros e o que antes era restrito à ficção, ou delírios psicóticos (esquizofrenia), fará da fantasia o verdadeiro. Como o mote não é outro senão, “seja feliz, não importa como”, desde que as pessoas sejam medicadas com as mais variadas e altas doses de neuro psicotrópicos (a alegria da indústria farmacêutica e dos profissionais de saúde), tudo bem, seja então feliz, ora!

Como não me assusto com mais nada, pois o mundo está a se tornar em hostil aos razoáveis e prudentes, espero ansiosamente a Parousia, e deixar o mentecapto ao sabor do próprio desatino. Pois, como disse certa vez: “Não vale a pena controlar os loucos, fora do hospício!”.

E fugir deles, é o único antídoto... Sem IA, viu!

1 Antes, os escritores, dramaturgos e cineastas espelhavam-se na realidade para criar ficção; hoje, cria-se a ficção e força-a a parecer real, quando nada mais é do que uma mentira repetida exaustivamente até esgotar a resistência e transformar tudo, ou quase tudo, em insano e patológico.



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

INSPIRAÇÃO

crônica de Michel Salomão

A visão de um escritor em sua escrivaninha, paralisado diante de uma máquina de datilografia, com um papel em branco inserido em seu rolo, além de várias bolas de papel espalhadas pelo chão do quarto, me acompanhava desde os tempos em que arrisquei os meus primeiros poemas, todos muito ruins, e que, para o bem da humanidade, foram parar no cesto de lixo.

O tempo passou, inventaram o computador e diversos outros recursos que facilitaram a escrita, e mais recentemente a Inteligência Artificial surgiu para ameaçar esse torturante trabalho dos insones, bastando ordenar ao programa que crie uma história com base em determinado assunto, incluindo alguns personagens predefinidos, certos acontecimentos como casamento, traição e morte, e finalizando com o estilo de algum escritor consagrado.

Contudo, não me preocupava essa questão, pois escrevia mais como hobby, considerando que em meu país a literatura nativa não era valorizada, e assim ganhava a vida como corretor de imóveis, o que me permitia uma mobilidade em minha agenda.

Até estranhei quando a campainha tocou, pois as pessoas raramente me procuravam em casa, e até pensei em não atender, mas como a televisão estava ligada, não pegava bem fingir que não havia ninguém. Era a minha nova vizinha, que se mudara no dia anterior, e pude ver quando chegou, olhando por uma fresta na janela. Parecia uma dessas divas de filmes de Hollywood, com um longo cabelo ruivo frisado, e usava uma calça de moletom cinza e uma camiseta de malha branca que pareciam ter sido costurados sobre o seu corpo, tamanha a perfeição dos contornos.

Desta vez estava usando um shortinho vermelho extremamente curto e uma blusinha florida amarrada com um nó, que deixava toda a barriga à mostra, além de valorizar o investimento com o silicone. Tinha em sua mão uma xícara, e veio pedir emprestado um pouco de açúcar.

- Desculpe-me o incômodo a esta hora, mas é que me mudei ontem e ainda não consegui ajeitar as coisas.

Aquilo ia acabar em sexo, pensei. Seria como nos filmes: ela entra, comenta sobre os quadros nas paredes, oferece um drink e ela aceita, e aí conversa vai, conversa vem e... fui interrompido no desvario quando bateram à porta com uma certa energia. Não utilizaram a campainha, como fez a mulher, e isso deixou-me um pouco apreensivo. Vi pelo olho mágico que era um homem, e como demorei a abrir, o tal gritou lá de fora:

- Emma!

Emma era o nome dela. Nome norte-americano, como nos filmes. Pura coincidência. Se fosse no Brasil, seria o nome daquele bicho que se parece com uma avestruz. Mas ela não se parecia nada com o bicho.

- É o meu marido!

Abri a porta e o marido entrou segurando um revólver.

- O que você está fazendo aqui? Quem é esse cara? Já se engraçou com o primeiro que viu pela frente?

- Eu vim apenas pedir uma xícara de açúcar emprestada...

O homem estava muito nervoso, e na minha cabeça passavam diversas cenas de filmes de aventura, suspense e terror, mas desconfiei que aquilo poderia ser apenas uma simulação, e que ambos seriam golpistas, pois era uma situação absolutamente surreal, apesar do fato de que, com um monumento como aquele, qualquer marido tinha que ficar vigilante.

- Você acha que eu iria ter alguma coisa com um homem feio como esse? – ela disse, apontando o polegar para mim.

Aquilo doeu. Não estava preparado para tal desfeita, e o pior é que eu estava usando um pijama velho, barba por fazer há duas semanas e os cabelos todos desgrenhados. Para piorar ainda mais, o marido dela era bonito, corpo sarado, bronzeado de sol, a barba escanhoada e mais parecia um desses galãs de filmes gringos.

- Eu vou matar esse cara! Eu vou matar!

Ela segurou a mão do marido e a arma apontava para lá e para cá, enquanto eu tentava me esquivar de um possível tiro acidental, correndo de um lado para outro, mas ele acabou abrindo a boca e introduzindo o cano na garganta.

- Eu vou me matar! Eu vou me matar! – gritava ele, com a voz meio engasgada.

- Não faça isso, ou morrerei com você! – ela segurou a arma com firmeza e abraçou e beijou longamente o marido.

Eles foram se empolgando e passaram a tirar uma a uma as peças de suas roupas, até que ele ficou de cuecas e ela de calcinha, bem no meio da minha sala, as descomunais tetas apontadas para mim, e eu ali, que nem um pacóvio, vendo aquela cena.

- Desculpem-me pelo incômodo, mas trabalho amanhã e tenho que dormir – disse eu, para não ser negligente.

Sem falar uma só palavra, juntaram suas roupas e saíram, da mesma forma como entraram. Fechei a porta, pensando se aquela cena renderia um conto ou até mesmo um romance. Corri até a escrivaninha e comecei a escrever. Já passava da meia-noite.

OS OLHOS DO CÍCLOPE

PARTE II

Jorge F. Isah

Porém, naquele dia, nem tudo ocorreu como deveria. Stênio foi chamado ao gabinete do chefe e ouviu a acusação; sequer desejou-lhe “bom dia”:

- Você está de conluio com um dos nossos concorrentes? Diga-me, se não estou certo?!

- Como assim?... Que concorrente? – Proferiu boquiaberto.

- Ora, não venha com joguinhos! Seja homem, rapaz!... Sabe muito bem de quem estou falando! Não se faça de rogado! – Chegou a espumar pelos cantos da boca, as mãos tremiam e tiques nervosos instalaram-se nos cantos dos olhos e nos lábios.

- Não faço ideia do que está dizendo... Tem a ver com as fofocas do escritório?... As matracadas dos xeretas de plantão?

- Veja lá como fala dos seus colegas! Isso não são modos, rapaz! Dobre a língua, antes de acusar alguém!

- Eu posso ser acusado injustamente, mas eles, não?

- Quem o está acusando?

- Você, chefe!

- Eu não!... De onde tirou essa ideia?

- O que faço aqui, então?

- Estou apenas cumprindo o meu dever, e averiguando algumas informações, nada mais.

- E quem as deu?

- Isso não importa, nem é da sua conta!

- Se refere a mim, é da minha conta, sim.

- Não é não! E pare de fugir da pergunta.

- Qual foi mesmo a pergunta? – Stênio ironizou.

O diretor limpou a garganta, esfregou a testa, tirou os óculos e esparramou-se cansado na poltrona, não sem antes pousar os dedos trépidos no vidro da mesa.

- Nenhuma... Pode sair.

Enquanto atravessou o corredor, sob os olhares impudicos e capciosos dos colegas, entre risinhos lúbricos, tiques cínicos e revanchistas, sentou-se e, pela primeira vez, pensou em excomungá-los, colocá-los em seus devidos lugares e mostrar-lhes o quanto eram sub-reptícios e finórios, a escória da humanidade... Por pouco, não os mandou para os quintos dos infernos!... Contudo, respirou fundo, balanceou as emoções e novamente se autocontrolou. Voltou aos afazeres, raspando-se da bruma ruinosa e negativa a flutuar entre o arrastar de cadeiras, os sinais das máquinas, suspiros e

gargalos, ordens e acordes, enquanto apreendiam os instantes em um êxtase temporal, a excitação dos pensamentos a mover-lhes à unidade quase imoladora de cingirem-se à difusa escuridão.

Certa vez, um amigo perguntou:

- Você se diverte com o trabalho?

- Como assim?... Nas comemorações e festas?

- Não, no serviço mesmo... no que faz... Você se diverte? É algo a dar prazer?

Stênio, rapidamente, após alguns segundos, respondeu:

- Divertir é para quando estou com as pessoas, como nós estamos agora. Divirto-me em família, nos almoços, nos jogos de tabuleiro, vendo filmes e séries ou partidas de futebol... Está muito mais ligado às pessoas ao redor do que propriamente às coisas... A comida ou TV solitários não tem graça... – Concluiu.

- Mas, então, como é o trabalho para você? – Insistiu o amigo.

Mais alguns segundos, antes de prosseguir:

- Ora, trabalho é trabalho... Não acho que alguém se divirta a maior parte do tempo... É possível ter um ou outro momento de regalar-se mas, no geral, é cumprir tarefas, ordens, fazer jus ao salário e desempenhar da melhor forma possível as obrigações...

- Veja, já trabalhamos juntos, e sempre tive a impressão de todo o seu formalismo, empenho e concentração vir de uma necessidade, e o relaxar para uma piada ou “matar o tempo” é algo a trazer-lhe muito mais ônus que benefício, se é que me entende.

- Sim, claro que entendo... Nunca pensei dessa forma... Talvez, porque o meu senso de responsabilidade seja exponencial, muito acima da média das pessoas e... bem, também odeio ser repreendido ou acusado de desleixo e incompetência. Me esforço para fazer o melhor, sem esperar elogio. Para mim, o melhor aplauso ou agrado é não ser criticado, e estar tranquilo de sempre fazer o melhor.

- Humm... Isso parece sinal de orgulho...

- Talvez seja... Acho que é... Mas qual o problema em se orgulhar de ser correto e se empenhar?... É pecado ter capricho com o que se faz?

- Não... Claro que não. Se eu tivesse um negócio, certamente ia querer você por funcionário e talvez me demitisse... – Riu escandaloso, a servir-se da

resposta por desculpa. Stênio também riu, mais comedido.

- Até parece...

Raro, às vezes, perder-se durante o seu turno. Estava sempre empenhado em cumprir as atribuições impecavelmente, conferindo-as duas, três vezes, no mínimo, após concluídas, que pouco ou nada de tempo restava para divagar ou digressar. Balançou a cabeça e voltou aos afazeres. Não sem antes concluir: havia, sim, aspecto de gozo no trabalho; em sentir-se feliz e realizado com o que possuía de melhor em sua natureza... a disposição de entregar a tarefa mais limpa, organizada, funcional e profícua no menor tempo, e, por fim, considerar-se merecedor do soldo... Na época do colóquio com aquele amigo, não considerou esses detalhes, a fugirem-lhe, pois estava a vislumbrar o ofício como algo pragmático, sem as implicações vocacionais e aspectos naturais, talentos a defini-lo enquanto artífice de números e planilhas e relatórios, algo inerente e do qual não podia se afastar, a caber-lhe simplesmente cuidar do dom e exteriorizá-lo o mais eficiente e irrepreensível... Isto, claramente, deixava-o feliz consigo, malgrado as candongas e matraqueios da equipe.

As horas sucederam-se inquietas e, quando saíram em direção à copa para o café trivial, duas dezenas e meia de intervalo, Stênio foi extraído do seu ofício. Não para o cubículo abafado onde a cafeteira e as cápsulas eram colocadas, os pacotinhos de “Club Social” abertos, entre ruídos de vozes, partículas de trigo e perdigotos se comutavam nas ventas e bocas, espalhadas pelos ares. Não. Nem ao banheiro para aliviar-se, molhar o rosto levemente oleoso ou escovar os dentes. Não. Ou a levar-se até a pequena varanda do andar a apreciar a vastidão de concreto e o ar levemente menos tóxico das quatro paredes. Não. Nada disso chegou aos ouvidos, narinas e tato. Foi invocado ao lugar onde, sem cerimônias e impassível, uma funcionária entrou-lhe a demissão. Leu-a, assinou, e se despediu educadamente da mulher. Retornou à sala ainda vazia e, enquanto ajuntava seus pertences, os colegas chegavam do intervalo tal quais gatos pingados, entreolhavam-se atônitos, e Stênio não avaliou se havia sinceridade, dissimulação ou algo parecido. Para ele, não importava. Certamente, dado o ambiente explicitamente indiscreto e leviano, a sua situação era de conhecimento da maioria, talvez de todos, e os sobressaltos visavam mais iludi-lo e passar uma falsa impressão do que espanto ou coleguismo. Um ou outro se aproximou, e perguntou o que havia acontecido. Respondeu com a voz de barítono: “Fui demitido”, como se estivesse a pedir um café expresso e pão-de-queijo.

- Como?!... Por quê?!

- Não sei. Não disseram. Mas entendo. A vida é assim. Não é a primeira, nem será a última vez.

Alguns tomaram o enunciado por praga. Houve quem considerasse uma profecia. Uns temeram. Alguém sentiu remorso. Nada a durar mais de algu-

mas horas e depois cair no abandono.

Fechou a mochila, entregou as chaves da mesa ao gerente e se despediu:

- Obrigado por tudo. Nunca vou me esquecer de vocês. Talvez, algum dia, a gente se encontre, novamente.

A cisma de alguns se tornou convicção. Fizeram o sinal da cruz furtivamente. Outros cruzaram os dedos às costas. Enquanto havia os que pediam a Deus silenciosamente para poupá-los do novo cômputo, de tropeçarem-se em alguma encruzilhada.

Stênio estava apenas sendo educado e gentil. Não havia qualquer sentimento de vingança e acerto de contas. Mas, a partir daquele momento, em sonhos e pesadelos, se viam Ciclopes a perder o único olho.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, se eu fizer sexo usando o outro orifício, minha namorada poderá engravidar?

Afirmativo: muitos políticos nasceram através dessa prática.

Eu tenho 38 anos e ainda sou virgem. Sou muito tímido e não consigo me aproximar das mulheres. Eu ainda tenho esperança?

Dizem que esperança é a última que morre, e se isso for verdade, você morrerá antes dela. Completamente virgem.

Nelson, os meus pais não aceitam o meu namoro com um homem vinte anos mais velho. Eu tenho vinte anos e ele, quarenta. Mas não dá nem para perceber que temos essa diferença de idade. Acha que estou errada?

O problema não é ele parecer vinte anos mais novo, mas você parecer vinte anos mais velha.

Estou cansada de ser enganada por mecânicos. Toda vez que vou a uma oficina, inventam algum problema novo para o meu carro. Dessa vez, o mecânico disse que terá que trocar a rebimboca da parafuseta. Será que autorizo a troca?

Autorize. Talvez assim você possa deixar de ser burra.

No carnaval eu conheci um homem mascarado e acabamos nos envolvendo e fizemos sexo sem proteção. Estou com medo de engravidar e não ficar sabendo quem é o pai.

Dizem que filho feio não tem pai. Se o seu amante ocasional não quis tirar a máscara, é porque deve ser feio. Se o seu filho nascer feio, ficará comprovado que o ditado era porreta.

Nelson, você é real ou é apenas um programa de inteligência artificial?

Se eu fosse inteligente, não estaria perdendo o meu tempo respondendo perguntas estúpidas como essas.

Nelson, eu não aguento mais ouvir falar de política. Sinto que esses debates não vão dar em nada, e que o país vai se afundar cada vez mais no lodo da corrupção. Você me aconselha a ir embora daqui?

Vá e não volte mais. E o último a sair apague a luz.

DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

É de fato um autêntico chover no molhado dizer que as pessoas estão patéticas, dispostas a cometerem seus erros, sem se dar conta deles; e assim os dias vão passando... É até difícil escolher (ou fácil pelo lado que se veja) o que criticar e a quem criticar. E não se trata de uma particularidade à brasileira. Deve ser assim, e o é em todo o mundo atualmente, basta uma olhadela nos “vídeos cacetadas”, que não eram uma exclusividade ou originalidade do “Domingão do Faustão”, que logo caem imediatamente por terra toda narrativa em defesa da chamada “evolução das espécies”. Como essas pessoas são resultado de alguma “evolução”, a maioria, imensa maioria diga-se de passagem, esteticamente feias por fora e destituídas de moral por dentro?... Não há muito o que se dizer, além de todos nós, ao defecarmos e urinarmos, sermos tão primitivos como cães e gatos, sendo que alguns chegam à proeza de cagarem andando como vacas, às vistas de todos até mesmo na Paulista, próximo ao MASP, como se isso fosse um tipo de “arte” ou prestígio.

Entretanto, indo e vindo, ao contrário da sonora placentação da “síndrome de vira-latas” tornada famosa e dogmática após dita e escrita por Nelson Rodrigues, acho mesmo que brasileiros têm de fato a síndrome do “rei na barriga”, pois nos destacamos ao eleger um presidente, que em seus arroubos intelectuais acaba de plantar uma oliveira e, diante dos olhos e ouvidos do mundo, perguntou, sem qualquer constrangimento, em quanto tempo daria uvas (sic)... Isso supera em muito a sua discípula, que em passado recente homenageou a mandioca e propôs estocar o vento...

Mas isso é o pouco que o público consegue vislumbrar na superfície. O buraco, ou buracos, está cada vez mais embaixo, muito mais profundo do que seria natural. Hoje, é praticamente impossível encontrar alguma pessoa minimamente coerente, independentemente das suas crenças e posições, um direito inalienável de cada um, a propor algo que faça sentido dentro da cosmovisão da própria pessoa. Desde o papa que apregoa aos quatro ventos a inabitabilidade do inferno (que ninguém inadvertidamente vá para lá, achando que os crimes mais hediondos e os indivíduos com as vidas e biografias mais execráveis, não serão punidos por suas decisões), passando por “cristãos” das mais variadas vertentes, sem que haja qualquer respaldo bíblico para suas convicções, como calvinistas de esquerda (sem serem marxistas), católicas pró-aborto, arminianos gays, e interpretações insanas como



afirmar que Deus condenou Sodoma e Gomorra por falta de caridade com os estrangeiros (sic), e ninguém sequer se assusta com a prodigalidade dessas e outras interpretações completamente bizarras e incoerentes.

Uma colega, que não só combateu os que punham em dúvida a eficácia das vacinas produzidas a toque de caixa, chamando-os de “anti-ciência”, por ocasião de gentis parabéns pelo seu aniversário, começou a indagar com um e outro o signo, a defender obstinadamente a proficiência de Marte em relação a Saturno, ou algo parecido. Ao que indaguei, de mim para mim mesmo: Uai! Cadê a ciência nesta hora?... Parafraseando aquele meme famoso nas redes sociais: “O que você vê?... Vejo e ouço bobagens todo dia, em todos os lugares!”.

Recebo o vídeo de uma pastora em vestido tubinho, mostrando todas as curvas da estrada de santos, empolgada no púlpito, quando solta um “do caralho!”. Outra, também empolgada ao ser explícita e clara no aconselhamento comportamental, diz às mulheres: “com fogo no rego!”. Não faço essas citações para denegrir pregadores e muito menos o ambiente protestante, “gospel”, católico, mas para constatar a triste e louca realidade na qual vivemos. É padre especialista no “cinco contra um”, e, ainda pior, ninguém se indigna ou faz piada; é a normalização da babaquice.

Antigamente, para ser “diferentão” fazia-se necessário um certo glamour... Até isso, também se foi pelo ralo.



Guido Malaparte

Há, no mínimo, duas décadas, tenho me esquivado de assistir aos filmes e séries contemporâneos, com raríssimas exceções. Sempre tem alguém pelado, cheirando ou fumando alguma draga sintética, embriagado, vomitando ou evacuando regras para todos os lados. Infelizmente, a maioria das pessoas se recusa a ver filmes em preto e branco, mudos, e preferencialmente estão à cata de películas apelativas, chulas e degradantes. Tem sido uma luta inglória achar algo que preste no catálogo de streamings, novamente, com raríssimas exceções. Tudo é tão linear, no sentido vertical, que não se vê o fundo do poço; quando muito, ouve-se o barulho dos cacos a espalhar.

Antigamente, as estrelas eram quase sempre sinal de produtos de qualidade. Hoje, nem tanto. É possível vê-las se lambuzar no limo, quase estrangidas, se houvesse algum senso de virtude e decência. Via de regra, o dinheiro fala mais alto, ou o ibope, ou o orgulho, ou o desprezo ao espectador. O mesmo vale para a Tv, o teatro, circos, e os mambembes de rua; quase nada se aproveita, no marasmo artístico.

Por outro lado, existe uma sede imensurável de controle, ou melhor, de encabrestamento do maior número possível de pessoas, as tais “massas” adestradas a aceitar tudo com o rótulo disso e daquilo, sem qualquer senso crítico a menos que lhe sejam dadas as listas e pormenores do que desgostar e do que gostar. Não é preciso explicar: se fulano e beltrano dizem, o que pode haver de errado? Se fulano e beltrano aprovam, quem sou eu para discordar? E se condenam e censuram, o tal é culpado, e ponto final! Assim caminha a humanidade, mugindo à esquerda e à direita, sem saber que para os arautos do rei todos são feios, sujos e cegos.

Lembrei-me daquele museu ou zoo, não me lembro agora ao certo, que expôs, acima de um espelho, a frase: “Aqui está o animal mais perigoso da Terra”, e o leitor se via literalmente exposto na moldura, em 50x90, como o ser mais abominável e tolo entre os detestáveis e idiotas; tal aversão humana, nas lentes turvas dos planejadores, teóricos e construtores do caos, tornam eu e você em meros comedores de alfafa, seja à direita ou à esquerda.

O homem perdeu-se, e não é de hoje. Antes, ele sabia-se desgovernado, sem norte. Agora, ele está certo de ser dono do próprio nariz, enquanto desce infrene ladeira abaixo. É esse homem que se diz pronto a mudar o mundo, a dar-lhe sentido, a fazer a diferença, sentado comodamente em sua poltrona diante de um reality show, daquele esporte mequetrefe, e das fanfarronices de políticos, coachs e religiosos sem escrúpulos, mais interessados em sua conta bancária. Como a minha avó dizia: quando falta pão, ninguém tem razão! E assim, é mais fácil tirar o pouco que não se tem, limitar as opções, e deixar o indivíduo esfuziante com a pá e enxada a cavar a própria sepultura.

Por isso, os filmes são iguais. As séries são iguais. Os livros iguais. Os campeonatos, idem. E tudo o mais se faz banal e ordinário. Novamente, para deixar claro, não estou a falar de tudo e todos, afinal, nós da Bulunga somos o sol a raiar em meio à tempestade, a luz na escuridão, e aqueles a apontar o caminho da redenção, liberdade e altruísmo. Se você se identifica conosco, não se esqueça de destinar qualquer quantia para mantermos acesa a chama da verdade e esperança. Abaixo, o nosso Pix e todas as maneiras de contribuir para a renascença e o florescer de novos tempos.



papo CRISTÃO

por Michel Salomão

Um falso líder religioso pode contribuir para que os fiéis sejam curados? Poderíamos arriscar a dizer que sim, da mesma forma como terapias alternativas podem trazer bons resultados com placebo, porque as vítimas, melhor dizendo, os enfermos tendem a acreditar na cura.

Não interprete mal a minha comparação, pois não estou dizendo que religiões funcionem como placebo, mas ambas se fundamentam na questão da crença.

Jesus sempre fazia questão de dizer, após realizar um de seus milagres: “sua fé o curou”, e já comentei em outras oportunidades que essas curas tinham um único objetivo: chamar a atenção para a salvação, pois Ele sabia que outras doenças sobreviriam, até que viesse a morte, fim inevitável.

Porém, entre os curados, nem todos seriam salvos, pois visavam tão somente o alívio para os seus males, tornando a incorrer em pecados, sem pensar na vida eterna, a “água da vida” oferecida por Jesus.

Vamos reformular a pergunta anterior: um falso líder religioso pode colaborar para que um crente (independente da denominação religiosa) seja, também, salvo? Arrisco a dizer que sim.

Jamais conseguiremos decifrar os métodos de Deus. Diz a linguagem popular que Ele escreve certo por linhas tortas. Se o cristão for capaz de acreditar, mesmo que por meio de um falso líder, que Jesus morreu na cruz para pagar pelos seus pecados, e se ele se arrepender verdadeiramente, se for batizado e amar a Deus acima de tudo, e ao próximo como a si mesmo, e se seguir os seus mandamentos, seu ingresso para o céu estará garantido, independente de quem o “iniciou” no caminho da fé.

Será que tudo o que tenho falado sobre os estelionatários da fé, com relação aos efeitos em seus “fiéis”, estava errado? De certa forma, sim. Ou não. Certamente, não me caberia julgar, pois estaria fazendo como os Fariseus, que disseram que Jesus estava curando em nome de demônios, ou repetindo o que fizeram os presentes no evento de Pentecostes, que zombaram dos apóstolos, quando começaram a falar em línguas estrangeiras, dizendo que estavam bêbados.

É preciso tomar cuidado para não blasfemarmos contra o Espírito Santo, pois é Ele que age no momento das verdadeiras manifestações sobrenaturais, mas muitos charlatões abusam da ingenuidade dos crentes para tirarem vantagens da situação, argumentando que, se os criticarmos, estaremos cometendo este imperdoável pecado.

Mas Deus nunca dorme: quem se lembra da história de um famoso pregador norte-americano que fazia o maior sucesso na TV e conseguia encher

estádios de futebol com suas exaltadas pregações, arrecadando milhões de dólares, que em parte iam parar no seus bolsos. Com o tempo, ele foi ficando envaidecido com o seu “poder” e passou a atacar os seus concorrentes, denunciando, entre outras coisas, os seus pecados sexuais, até ser flagrado em um motel com uma prostituta, obrigando-o a abdicar do seu poderoso trono.

Suponhamos que tenha sido uma ação de Deus, para tirar a arrogância desse líder: semelhante fato teria acontecido com o Rei Davi, que cometeu os mais bárbaros crimes, entre os quais ter mandado matar o marido de sua amante, pois a havia engravidado enquanto o esposo estava há meses ausente em campo de batalha, e quando descobrissem o seu pecado, sua reputação estaria arrasada. Mas ele se arrependeu profundamente e Deus o perdoou.

Se Deus o perdoou, nós não podemos questionar. É aceitar e pronto. Mas será que o tal pregador norte-americano sempre foi um embusteiro? Possivelmente, não, da mesma forma como Davi iniciou a sua missão com a melhor das intenções, até ser seduzido pelo poder e pelo dinheiro (e pelo sexo). Quem está totalmente isento de cair em tentação?

Deus pode até permitir que coisas como essas aconteçam, mas ao final decretará a sua sentença, que pode ser o descrédito, o fracasso, a execração pública, uma dolorosa morte, ou ainda pior: a não salvação.

E quanto aos fiéis, membros daquela igreja estelionatária, que acreditaram verdadeiramente em Deus, por meio de Jesus, e que foram batizados pelo Espírito Santo, não idolatraram o seu líder humano e não praticaram nenhum ato que o criador repudia: o que acontecerá com eles? Serão salvos, é o que somos levados a acreditar.

Está escrito em Jeremias 17:5: “Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor!”

É por esse motivo que não devemos seguir HOMENS, mas somente JESUS. Contudo, não deveríamos ficar esquentando a cabeça com as ações de líderes duvidosos, pois Deus não nos confiou essa missão, apesar de nos dar o livre arbítrio, nos permitindo ao menos questionar.

Contudo, seria mais proveitoso se dedicássemos nosso precioso tempo pregando o Evangelho pelo mundo, sem a pretensão de nos tornarmos celebridades, pois esse é o perigo do sucesso, que leva à vaidade, a mesma vaidade que derrotou o Rei Davi e também o famoso pregador que mencionei. Sigamos o exemplo de Jesus, que foi o homem mais humilde que habitou este planeta.

SPOILERS

O ATAQUE DO TUBARÃO DE DUAS CABEÇAS

Este filme ganhou o título, no Brasil, de O Ataque do Tubarão Mutante, e só posso acreditar que o diretor, a equipe técnica e todo o elenco é formada por uma espécie de asno mutante. É inacreditável que alguém que possua o mínimo de inteligência tenha aceitado participar de um filme como esse, mas Carmen Electra aceitou, ela que já havia participado em sucessos comerciais como “Pânico” e “Todo Mundo em Pânico 4” e “Doze é Demais - 2”, mas a sua atividade anterior era ficar pelada em revistas como a Playboy, e hoje tem uma conta no Only Fans, onde exhibe a sua amígdala por meio de seu orifício inferior.

Eu estava hospedado em um hotel em Pernambuco quando liguei a televisão e comecei a ver esse filme que já me chamou a atenção pelas tomadas de cena, extremamente amadoras, mas quando apareceu o tal



tubarão é que a coisa degingolou. Em determinadas cenas, com o bicho visto de longe, fizeram uma animação malfeita e ficava evidente que era desenho animado, mas mas nas cenas em que ele é mostrado em close fica fácil verificar que o monstinho era feito de borracha, e na hora em que o bicho morde uma de suas vítimas, é possível ver os dentes se dobrarem, pois parecem ter sido feitos com espuma, dessas que usam em chinelos.

A atuação do elenco é outra coisa lamentável, mais evidenciada nas cenas em que precisam demonstrar medo, mas só conseguem ficar apalermados, mas a cena mais emblemática é aquela em que uma das personagens dá a ideia



de matar o bicho com um barril contendo alguma coisa inflamável, mas o isqueiro dela falha, e isso demora um tempo absurdo, até que conseguem fazer com que uma das cabeças morda o troço, e só essa cabeça explode, mas o bicho ainda vai atrás de outra mulher, e nessa hora fica nítido que mais uma vez utilizaram desenho animado, só que me esqueci de

dizer que antes ele disse ele tenta abocanhar outra mulher que fica presa entre as duas cabeças, dando facadas no animal, que não morre, e a cena é igualmente demorada e estúpida.

Enfim, o animal morre, e fica aquela impressão de que morreu alguma coisa dentro de nós, que foi a nossa inteligência, por termos perdido um tempo precioso para ver essa porcaria.

O pior de tudo é que procurei por críticas negativas desse tipo em sites da internet e não encontrei nenhuma. Na verdade, a razão disso é que ninguém deve ter assistido esse filme.



PIADAS LAMENTÁVEIS



- Qual é a panela que está sempre triste?
- A panela depressão.

- O que estará escrito na lápide do Papai Noel?

- Ele não está mais em trenós.

- Para que servem os óculos vermelhos?
- Para vermelhor.

Antes de entrar no ônibus, a mãe do Pedrinho diz:

- Filho, a passagem é de graça para crianças até 10 anos. Por isso, se te perguntarem, você diz que tem 10 anos, combinado?

Quando o ônibus chegou, o motorista perguntou:

- Oi, menino, quantos anos você tem?
- 10 anos!
- E quando você faz 11?
- Assim que eu descer do ônibus.

- Por que as plantinhas não falam?
- Porque elas são mudinhas.

- Ei, por que você não ligou o chuveiro?
- Porque esse xampu é para cabelos secos.

- Qual a cidade brasileira que não possui táxis?
- Uberlândia.

- De que o diabo morreu?
- Diabetes.

Qual é a fórmula da água benta?
R.: H Deus O!

- Querido, o relógio da parede quase caiu na cabeça da mamãe.
- Droga de relógio, está sempre atrasado!

- Na hora da lição de casa, o menino chama o pai e pede ajuda:

- Pai, me ajuda a encontrar o Mínimo Múltiplo Comum, o MMC?

- Eu não acredito que ainda não encontraram! Estão procurando desde a minha época de escola, filho.

- Como é a piada do pinto caipira?
- Pirrrr.

- Como se chama alguém que nasceu no Brasil, viveu na Escócia, se mudou para a África e morreu na China?
- Defunto.

No meio de uma turbulência, um senhor parecia estar muito apavorado. Vendo sua expressão de medo, uma comissária de bordo se aproximou e perguntou:

- Posso ajudar? O senhor, por acaso, está sentindo falta de ar?
- Não, moça, o que estou sentindo é falta de terra mesmo.

A professora de Matemática vira para o Joãozinho e diz:

- Joãozinho, se você tem dois reais e pede mais dois reais para o seu pai, com quantos reais fica no total?

- Dois reais, professora.
- Acho que você não entendeu o problema, Joãozinho, disse a professora.
- A senhora que não entendeu o problema, professora. Meu pai é muito mão de vaca.